

Trabalho de cidadania e desenvolvimento

Gabriela Jacquinet nº20 11ºI

Trabalho de cidadania: As mulheres e o coronavírus

A recente pandemia provocada pelo novo coronavírus tem tido um impacto incontornável na vida das sociedades a uma escala global. Ainda que difícil de determinar no momento presente, parece já claro que os efeitos da doença atingem diferentemente homens e mulheres. A questão tem suscitado o interesse de críticos e estudiosos, cujas reflexões vêm sendo dadas ao conhecimento do grande público através dos meios de comunicação social.

Através deles, é possível saber que a distribuição da infeção apresenta disparidades em função do género, sendo mais atingidos homens que mulheres.

Para comprovar esta afirmação, as autoridades Italianas reportaram que entre 13,882 casos de COVID-19 e 803 mortes entre 21 de fevereiro e 12 de Março, os homens faziam parte de 58% de todos os casos e 72% das mortes. Homens que estavam hospitalizados dos com COVID-19 estavam com 75% de mais probabilidades de morrer do que as mulheres que estivessem hospitalizadas das com doenças respiratórias. Adicionalmente, o centro de controlo de doenças da China reportou que a taxa de fatalidade dos homens com casos confirmados de coronavírus era 65% maior do que nas mulheres.

Em Portugal, por exemplo, de um total de 43 óbitos, 30 são de homens, o que corresponde a quase 70% dos casos.

É por enquanto precoce aventar uma causa para a situação, mas crê-se que os indivíduos do sexo masculino apresentem maior vulnerabilidade pelo facto de constituírem a maioria da população fumadora. Por outro lado, e de acordo com uma revista científica de referência internacional como é o The Lancet, "mais homens do que mulheres estão a morrer, porventura por causa das diferenças imunológicas ou de comportamento de género." Por seu turno, Sabra Klein, cientista estadunidense, afirma que o estrogénio (hormona sexual feminina) pode ser a explicação para as diferentes respostas à doença, já que contribui para a maior imunidade do sexo feminino. No mesmo sentido, uma cientista espanhola avança a hipótese de o estrogénio poder estimular aspetos da imunidade que são importantes para a eliminação das infeções e para uma boa resposta às vacinas.

As diferenças nos reflexos da doença ao nível do género vão, contudo, bem para além do índice dos pacientes. É do sexo feminino a maior parte dos profissionais que se encontram na frente da batalha contra o covid-19. Na área da saúde, as mulheres estão em maioria por toda a União Europeia. No caso específico de Portugal, a Ordem de Enfermeiros regista mais de 58 mil mulheres e 12 mil homens e a Ordem dos Médicos tem inscritos mais de 28 mil mulheres e 23 mil homens.

Fenómeno socialmente perturbador, e em que a desigualdade de género ressalta, é a violência doméstica, que tem registado um agravamento. As vítimas, sobretudo mulheres e crianças, confinadas em suas casas, encontram-se agora mais expostas, tanto mais que o recurso a linhas telefónicas de apoio pode não ser possível devido à presença física constante do agressor. A situação da mulher pode, além disso, ver-se cumulativamente afetada pela

recessão económica decorrente da pandemia da Covid-19, que irá gerar e está já gerando insegurança laboral, e, por isso, fragilidade no contexto doméstico.

O panorama que apresentei do impacte da COVID-19 em termos de variável de género não é, evidentemente, completo nem definitivo. Neste pequeno texto, tentei apenas debruçar-me sobre as situações que os meios de comunicação social têm, até ao momento, salientado a esse respeito. Os dados que tive oportunidade de obter através de um “inquérito” direto dizem respeito à minha família e confirmam a disparidade acima assinalada. A minha mãe, desde o início da quarentena, cumpre o trabalho profissional a partir de casa, e as tarefas domésticas que antes só realizava pontualmente passaram a ser asseguradas maioritariamente por ela.